

MEMÓRIA • RESISTÊNCIA • DIGNIDADE • LIBERDADE

16 de maio de 1944

Não foi em vão.

A resistência
ROMA E SINTI
vive na memória,
na escrita e na luta
por dignidade.

Nossa história
não começou
nos campos.

Escrever
é existir.
Preservar
é resistir.

HISTÓRIA
DO POVO ROMANI

ROMA E SINTI:
MEMÓRIA E RESISTÊNCIA

CULTURA ROMANI

LÍNGUA ROMANI CHIB

A VOZ ROMANI

CONTOS E
TRADIÇÕES CIGANAS

NOSSA HISTÓRIA,
NOSSA VERDADE

Lembrar é resistir.
Contar é continuar lutando.



AMSK
BRASIL

Associação
Internacional Mayle Sara
Kalí – Brasil

Copyright © AMSK/Brasil

IDIOMA:

Todos os direitos reservados. Vedada a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou qualquer meio, produção, distribuição, comercialização ou cessão sem autorização do autor. Esta obra foi publicada no website www.amsk.org.br, para leitura exclusiva online. A utilização dos dados e informações devem ser descritos com os devidos créditos. Os direitos desta obra não foram cedidos. A violação dos Direitos Autorais (Lei n. 9610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

ISBN: 978-85-67708-21-8

Organizadoras: COSTA, Elisa; CAVALCANTE, Lucimara.

Título: 16 de maio de 1944

Subtítulo: Não foi em vão

Edição: 1

Local: Brasília – DF

Contato com os autores: contato@amsk.org.br

Websites dos autores:

<https://www.amsk.org.br/> - <https://amskblog.blogspot.com.br/>

Editora:

AMSK/Brasil - Associação Internacional Maylê Sara Kalí – AMSK/Brasil

Diagramador:

NEXUZ HUB

Equipe Técnica

Ariadyne Acunha

Anne Kellen Cavalcante

Sandra Cândido

Voria Stefanovsky



1944 - 2026: ainda não acabou...

16 de Maio – Dia da Resistência Romani



O dia 16 de maio marca um momento de profunda coragem na história do povo Romani. Em 1944, no campo de concentração de Auschwitz-Birkenau, homens, mulheres, idosos e crianças se uniram diante de uma tentativa de extermínio, resistindo coletivamente mesmo em condições extremas.

Sem armas, mas com dignidade, consciência e união, essas pessoas afirmaram o direito de existir. Aquele gesto de resistência permanece como um símbolo da força de um povo que, mesmo diante da violência, não abriu mão de sua humanidade.

Recordar essa data é mais do que revisitar o passado. É reconhecer a importância da memória como instrumento de justiça, da educação como caminho de transformação e da escuta como prática de respeito.

Ao trazer essa história para os espaços educativos, reafirmamos o compromisso com a valorização das identidades Romani, com o enfrentamento ao racismo e às discriminações, e com a construção de uma sociedade que reconheça e respeite a diversidade de trajetórias e saberes.

Memória é presença.

Educação é compromisso.

Resistir é existir.

Contexto histórico – 16 de maio de 1944

Durante a Segunda Guerra Mundial, o regime nazista implementou políticas sistemáticas de perseguição e extermínio contra diversos grupos, entre eles o povo Romani. Esse processo, conhecido como Samudaripen, resultou na morte de centenas de milhares de pessoas.

No campo de concentração de Auschwitz-Birkenau, foi criado um setor específico para prisioneiros Roma e Sinti, onde famílias inteiras — incluindo mulheres, crianças e idosos — eram mantidas em condições extremamente precárias.

Em **16 de maio de 1944**, autoridades da SS tentaram realizar a liquidação desse setor, com o objetivo de enviar os prisioneiros às câmaras de gás. No entanto, ao perceberem o que estava acontecendo, os próprios prisioneiros se organizaram e resistiram coletivamente.



Mesmo sem armas, utilizaram ferramentas improvisadas e, sobretudo, a força da união e do medo. Diante dessa resistência inesperada, a ação foi temporariamente suspensa.

Esse episódio é reconhecido como um dos mais significativos atos de resistência coletiva do povo Roma e Sinti durante o período nazista. Embora meses depois, em agosto de 1944, o campo tenha sido liquidado e milhares de pessoas tenham sido assassinadas, o dia 16 de maio permanece como símbolo de coragem, dignidade e luta pela vida.

Compreender esse momento histórico é fundamental para reconhecer não apenas a violência sofrida, mas também a resistência construída — e para reafirmar o compromisso com a memória, a justiça e a educação.

16 de maio de 1944.

Era para ser mais um dia de sofrimento... Mas não foi.



Naquele dia, estávamos decididos: não íamos mais aceitar ser tratados como invisíveis. Nos unimos. Homens, mulheres, jovens e crianças. Todos juntos. Pela vida. Pela liberdade.



A resistência **ROMA E SINTI** mostrou que a coragem mora no coração de quem luta junto.

Com paus...



...e pedras!



Mostramos que, juntos, somos mais fortes!



Naquele dia, nenhum ROMA E SINTI morreu. Vencemos com união, inteligência e coragem. A resistência ROMA E SINTI é um exemplo de amor à vida e à liberdade.



Que a nossa história nunca seja esquecida e que continue inspirando as próximas gerações.



Lembrar é resistir. Contar é continuar lutando. Juntos. Sempre.



ZIGEUNERLAGER
BIRKENAU



O dia em que resistir foi existir (2009)

Em um tempo de muita dor,
quando parecia que o medo era maior que tudo,
houve um dia diferente.

Homens, mulheres, idosos
e até crianças
decidiram ficar juntos.

Eles não tinham armas.
Tinham apenas suas mãos,
suas vozes, algumas pedras
e uns aos outros.

E foi assim, unidos,
que mostraram que existiam.
Que suas vidas importavam.
Que sua história não seria apagada.

Naquele dia,
o medo encontrou a coragem.

E desde então,
a memória segue viva —
em cada história contada,
em cada criança que aprende,
em cada pessoa que resiste.

Auschwitz II-Birkenau, 16 de maio de 1944.
Mesmo cercados, resistiram. Não se renderam.

Neste dia, homens, mulheres e crianças — Roma e Sinti — enfrentaram a SS dentro do chamado “Zigeunerlager”. Sabiam do destino que lhes era imposto, mas recusaram a passividade. Organizaram-se, permaneceram juntos e afirmaram, até o limite, o direito de existir.

Esta imagem é memória e denúncia.
Memória de um povo que lutou, mesmo sob cerco, fome e violência.
Denúncia de um sistema que tentou apagar vidas, culturas e histórias inteiras.

Que não se esqueça: houve resistência romani.
E lembrar é também um ato político.

Memória Romai – Roma e Sinti





Memória e continuidade – para ensinar, lembrar e seguir

A memória do povo Romani não vive apenas nos registros do passado.

Ela se mantém viva nas histórias contadas, nos gestos cotidianos, nas práticas de cuidado e, sobretudo, na educação.

Ao recordar o Samudaripen e, em especial, o 16 de maio de 1944, não estamos apenas olhando para um tempo de dor. Estamos reconhecendo a força de pessoas que, mesmo diante da violência extrema, afirmaram sua existência e sua dignidade.

Essa memória não se encerra nos acontecimentos históricos.

Ela continua — nas salas de aula, nas universidades, nos espaços comunitários, onde novas gerações aprendem, questionam e constroem caminhos.

Quando uma história é contada com cuidado, ela deixa de ser apenas lembrança e se torna presença.

Quando é compartilhada em espaços educativos, ela se transforma em consciência.

E quando é acolhida por quem escuta, ela se torna continuidade.



As imagens, os gestos, a dança, a escuta — tudo isso também ensina.

São formas de transmitir aquilo que nem sempre cabe apenas nas palavras: identidade, pertencimento e resistência.

Falar de memória, nesse contexto, é também falar de responsabilidade.

Responsabilidade de não esquecer, de não silenciar e de não permitir que narrativas sejam apagadas ou distorcidas.

E falar de continuidade é afirmar que o povo Romani segue presente — produzindo conhecimento, ocupando espaços, ensinando e aprendendo.

Entre o passado e o futuro, existe um movimento constante:

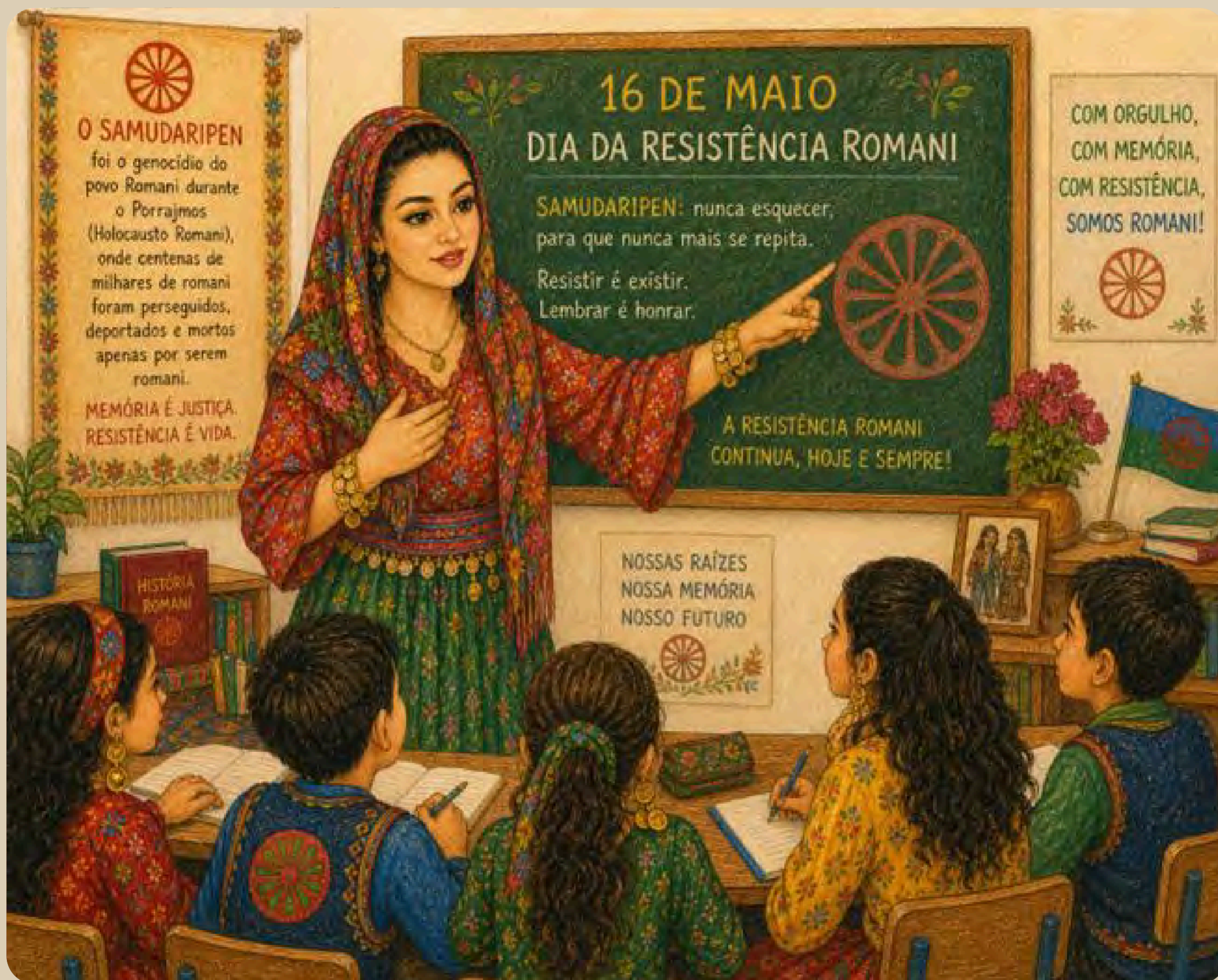
o de lembrar para transformar,

e o de ensinar para que a história siga viva.

Memória é continuidade.

Educação é resistência.

E resistir é existir.



A importância de contar essa história

Contar a história do povo Romani às crianças e aos jovens — especialmente àqueles que pertencem às comunidades Roma e Sinti — é um ato de cuidado, de continuidade e de fortalecimento da identidade.

Quando jovens conhecem sua própria história, eles compreendem que não começam do zero. Eles fazem parte de uma trajetória marcada por desafios, mas também por coragem, sabedoria e resistência. Essa memória fortalece o pertencimento, sustenta a autoestima coletiva e contribui para que novas gerações se reconheçam como parte viva de um povo que segue existindo, aprendendo e ensinando.

Para aqueles que não pertencem a essas comunidades, conhecer essa história é igualmente essencial. É por meio da educação que se rompe o silêncio, se enfrentam estereótipos e se constroem relações baseadas no respeito. Aprender sobre o Samudaripen e sobre os processos de resistência do povo Romani é um passo importante para compreender as marcas da desigualdade e a urgência de combatê-las.

Levar essas narrativas para escolas, universidades e espaços de formação é afirmar que essa história importa — e que não pode ser esquecida, distorcida ou invisibilizada.

Contar não é apenas lembrar.

É garantir que a memória permaneça viva, que circule, que seja reconhecida e respeitada.

Entre quem pertence e quem aprende a respeitar, constrói-se um caminho comum: o da escuta, da dignidade e da responsabilidade compartilhada.

**Porque quando uma história é conhecida, ela não pode mais ser apagada.
E quando é ensinada com cuidado, ela continua viva.**



Para quem prefere não lembrar



Há histórias que doem tanto que o silêncio se torna proteção.

Há memórias que não foram escolhidas, mas atravessaram vidas e deixaram marcas profundas.

A quem prefere não lembrar, este é um gesto de respeito.

Sabemos que, para muitas pessoas, falar sobre o passado pode reabrir feridas, trazer imagens difíceis e sentimentos que ainda não encontraram descanso. O silêncio, nesse caso, não é esquecimento — é cuidado consigo mesmo.

Mas também há um outro movimento, que nasce com o tempo:

o de permitir que a memória exista de forma mais leve, compartilhada, sem exigir dor.

As novas gerações têm buscado conhecer essa história não para reviver o sofrimento, mas para compreender, honrar e proteger. Para que o que foi vivido não se repita, e para que aquilo que foi silenciado possa, aos poucos, encontrar palavras — quando e se assim for possível.

Ninguém é obrigado a lembrar.

Ninguém deve ser pressionado a contar.

Mas, se um dia houver espaço, mesmo que pequeno, a memória pode ser acolhida de outra forma: com cuidado, com escuta, com respeito.

E, mesmo quando o silêncio permanece, ele também ensina.

Ensina sobre dor, sobre sobrevivência e sobre tudo aquilo que não pode ser esquecido — ainda que não seja dito.

Seguimos, então, entre o lembrar e o silenciar, reconhecendo que ambos também são formas de existir.

A memória pode falar.

O silêncio também merece ser ouvido.

Literatura, memória e resistência das mulheres

Romani (16 de maio)

A literatura ocupa um lugar fundamental na preservação das memórias do povo Romani, especialmente quando se trata de narrar momentos de resistência que marcaram profundamente sua história. Ao transformar experiências em palavras, a escrita permite que acontecimentos que poderiam ser silenciados ganhem permanência, circulação e reconhecimento.

O dia 16 de maio de 1944, lembrado como um marco de resistência Romani, encontra na literatura um espaço de continuidade. É por meio das narrativas que esse episódio deixa de ser apenas um registro histórico e passa a ser compreendido como experiência viva, transmitida entre gerações.

Nesse processo, a presença das mulheres Romani é central. São elas que, historicamente, sustentam a memória por meio da oralidade, do cuidado e da educação. Ao serem incorporadas à escrita, suas vivências ampliam o entendimento sobre o que significa resistir: não apenas enfrentar, mas também proteger, ensinar e manter vínculos mesmo em contextos extremos.



A literatura permite que esse dia seja contado de forma sensível, acessível e comprometida com a verdade histórica, sem abrir mão do cuidado com quem escuta. Ao narrar o 16 de maio, não se trata apenas de revisitar o passado, mas de afirmar a continuidade de um povo que segue existindo, aprendendo e ensinando.

Escrever sobre esse momento é um ato de responsabilidade.
Ler e compartilhar essas histórias é um gesto de reconhecimento.

E garantir que essas narrativas circulem é afirmar que a resistência das mulheres Romani permanece viva — não apenas na memória, mas também na construção do presente e do futuro.



16 de Maio: memória sem ação é omissão

Excelentíssimas autoridades,
Senhoras e senhores parlamentares,

O dia 16 de maio não é uma data para discursos confortáveis.

É uma data que exige posicionamento.

Em 16 de maio de 1944, no campo de concentração de Auschwitz-Birkenau, homens, mulheres e crianças do povo Romani resistiram a uma tentativa de extermínio conduzida pela SS.

Sem armas, resistiram.

Sem garantias, resistiram.

Sem Estado, resistiram.

Hoje, décadas depois, é o Estado que precisa responder.

Porque não basta lembrar.

Não basta reconhecer.

E não basta homenagear.

A permanência da invisibilidade do povo Romani no Brasil não é um acaso — é resultado direto da ausência de políticas públicas, da negligência institucional e da recusa histórica em reconhecer plenamente sua existência.

Onde estão os dados oficiais?

Onde estão as políticas estruturadas?

Onde está a inclusão efetiva da história e cultura Romani nos currículos?

O silêncio institucional também produz violência.

E é preciso dizer com clareza:

quando o poder público não enxerga, ele também exclui.

Quando não reconhece, ele também apaga.

O que aconteceu em 1944 não começou naquele dia. Foi resultado de processos contínuos de desumanização, estigmatização e negação de direitos.

E esses processos não desapareceram.

Eles persistem quando comunidades seguem à margem.

Quando direitos não chegam.

Quando histórias não são ensinadas.

Ignorar isso é aceitar o risco de repetição — não nos mesmos moldes históricos, mas nas mesmas estruturas de exclusão.

Por isso, este não é apenas um momento de memória. É um momento de cobrança.

Cobrança por reconhecimento oficial.

Cobrança por produção de dados.

Cobrança por políticas públicas efetivas.

Cobrança por educação que inclua, respeite e represente.

A democracia não se mede apenas por discursos, mas pela capacidade de garantir direitos a todos os povos.

E hoje, aqui, é preciso afirmar:

o povo Romani não pode continuar sendo tratado como invisível.

Memória sem ação é omissão.

Reconhecimento sem política é vazio.

E compromisso sem prática é insuficiente.

O dia 16 de maio exige mais.

E o tempo de responder é agora.

Muito obrigada.



Referências (base histórica – Samudaripen e 16 de maio)

OBRAS E RELATÓRIOS INTERNACIONAIS

- United States Holocaust Memorial Museum. Persecution of Roma (Gypsies), 1939–1945. Disponível em: <https://www.ushmm.org>
✓ Uma das fontes mais confiáveis sobre o Samudaripen e Auschwitz-Birkenau.
- Holocaust Memorial Day Trust. Roma Genocide (Samudaripen).
✓ Traz sínteses acessíveis e bem fundamentadas.
- Council of Europe. Factsheets on Roma and Travellers – History.
✓ Importante para contextualização histórica e política.

LIVROS E AUTORES IMPORTANTES

- Ian Hancock. The Pariah Syndrome: An Account of Gypsy Slavery and Persecution. Ann Arbor: Karoma Publishers, 1987.
✓ Referência central sobre história e perseguição do povo Romani.
- Donald Kenrick. The Gypsies During the Second World War. Hatfield: University of Hertfordshire Press, 2006.
✓ Detalha o período nazista e o genocídio.
- Guenter Lewy. The Nazi Persecution of the Gypsies. Oxford: Oxford University Press, 2000.
✓ Análise histórica aprofundada (com debates acadêmicos importantes).

DOCUMENTOS E MEMÓRIA ROMANI

- Roma Education Fund. Roma Holocaust Remembrance materials.
✓ Materiais educativos e memória ativa.
- European Roma Institute for Arts and Culture. Roma Genocide Commemoration.
✓ Conecta memória, cultura e resistência contemporânea.

A AMSK mantém uma seção de publicações com materiais acadêmicos, relatórios e textos autorais voltados à memória, direitos humanos e educação romani.

INSTITUCIONAL

AMSK/Brasil. Publicações online sobre o Povo Romani no Brasil. Disponível em: <https://www.amsk.org.br>

[Mais Um Saber – Palavras além do tempo](#). Categoria de livros “Palavras além do tempo”. s.d. Acesso em: 07 maio 2026.

CÂNDIDO, Sandra. *Filhas do Silêncio*. ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL MAYLÊ SARA KALI – AMSK/BRASIL, 2025.

Disponível em: [Filhas do Silêncio \(PDF\)](#)

Acesso em: 07 maio 2026.

<https://amskblog.blogspot.com/2020/05/resistencia-rromani-1944-2020-em-plena.html>

